

Recomendações UPF-CAE

Para uma cobertura jornalística ética dos outros animais



Julho 2016
UPF Centre for Animal Ethics



Redação: Estas recomendações foram elaboradas pelos membros do conselho científico do UPF Centre for Animal Ethics (UPF-CAE) com a colaboração das investigadoras de Animalsandmedia.org.

Imagens: Dzivnieku Briviba (raposa), Marcel Oosterwijk (vaca), Tim Geers (porcos), Tammy Lo (orca), Juhan Sonin (galinha), Magnus Johansson (chimpanzé), Jonás Amadeo Lucas (atuns), Ray Dumas (cervos). Uso sob licença de Creative Commons (CC-By-SA 2.0). A imagem do rato de laboratório é de domínio público.

Desenho gráfico: Samara Maultasch.

Julho 2016

UPF Centre for Animal Ethics



Recomendações para uma cobertura jornalística ética dos outros animais

Hoje em dia, a ideia de que os interesses humanos se encontram acima dos interesses dos animais de outras espécies já não é defensável. Que o sofrimento dos animais importa e que não se podem passar por alto os interesses de um indivíduo pelo mero facto de pertencer a outra espécie constitui um dos grandes progressos morais da humanidade. Que os outros animais merecem consideração ética porque têm interesses próprios não só é uma ideia amplamente aceite, senão que também está cientificamente sustentada, desde Charles Darwin e, mais recentemente, de maneira contundente, a partir dos campos da neurociência, a biologia evolutiva ou a etologia e a cognição animal – que corroboraram que os outros animais também experimentam dor física e psicológica, emoção e sentimentos. Em 2012, um grande grupo de cientistas de reconhecido prestígio assinaram a Declaração de Cambridge sobre a Consciência, na qual se reconhece que uma grande maioria dos animais não humanos têm consciência. Por outro lado, em 2009 o Tratado de Lisboa reconheceu a relevância jurídica do sofrimento dos animais não humanos para a legislação Europeia.

Objectivos destas recomendações:

- a.** Incrementar o respeito humano pelos indivíduos de outras espécies para poder representá-los nos media de maneira precisa, justa e objectiva.
- b.** Romper com o falso dualismo humano/não humano e substituí-lo por visões inclusivas:
 - De diversidade inclusiva, que nos permita representar a realidade dentro de um enquadramento não de dominação (hierarquia dos seres humanos sobre os outros animais), mas de plena inclusão de todos os indivíduos sencientes na esfera de consideração moral, seja qual for a sua espécie, etnia, cultura ou origem.
 - De justiça social inclusiva, que nos permita representar a realidade dentro de um enquadramento de respeito, ajuda e solidariedade não discriminatório por razões de espécie (os interesses e direitos dos animais e os dos seres humanos não são autoexclusivos).
- c.** Revelar as relações de poder especistas (legitimadoras das relações de opressão sobre as outras espécies pela suposta superioridade da espécie humana) estruturalmente análogas às opressões que já estamos a combater (machismo, racismo, classismo, homofobia, discriminação cultural, discriminação das pessoas com diversidade funcional, etc.).
- d.** Servir o interesse público e o progresso social para promover uma diminuição global da violência no planeta, lembrando que, ante o sofrimento, não se pode permanecer neutro.

Recomendações

- 1. Dar cobertura informativa à vida dos indivíduos das outras espécies de maneira regular (não só pontualmente e em contextos negativos).**
- 2. Evitar as perspectivas antropocêntricas utilizando os animais não humanos como fontes.**
- 3. Dar cobertura informativa às organizações de defesa dos animais não humanos.**
- 4. Utilizar a linguagem apropriada (neutra e objetiva).**



1. Cobrir jornalisticamente a vida dos indivíduos das outras espécies de maneira regular (não só pontualmente e em contextos negativos)

Os animais não humanos aparecem habitualmente nas notícias apenas de forma secundária, em função dos nossos interesses e necessidades. Para compensar isso, podemos:

1.1. *Dedicar tempo e espaço a dar cobertura de maneira rotineira às interações entre seres humanos e demais animais* (criar notícias sobre isso para aumentar a consciência de que os animais de outras espécies são sujeitos de interesses e de atenção).

1.2. *Reconhecer e incluir a perspectiva dos animais não humanos nas histórias em que estão implicados* (acidentes, guerras, crimes, alimentação, energia, política, ciência, estilos de vida). Em outras palavras, deixar de incluir unicamente a perspectiva humana e aquilo que a beneficia.

1.3. *Investigar a exploração dos outros animais na sociedade atual e as consequências dessa utilização*, sobretudo o sofrimento psicológico e físico que lhes causam práticas legais e habituais (a exploração nas fazendas, a caça, a experimentação, ou mantê-los em cativeiro em zoológicos ou circos, etc.) para além das ilegais (caça de espécies em perigo de extinção, lutas ilegais, rituais religiosos, etc.). Considerar eticamente estas investigações: perguntar-nos se realmente é necessário e se temos direito a utilizar os outros animais como fazemos. Investigar também se as práticas denominadas “mais humanas” são factíveis e viáveis.

2. Evitar as perspectivas antropocêntricas utilizando os animais não humanos como fontes

Dado que os seres humanos são quem consome as notícias, as histórias costumam priorizar os indivíduos da nossa espécie. Para evitar essa perspectiva antropocêntrica (da mesma maneira que devemos evitar o preconceito racial ou sexista) recomendamos:

2.1. *Identificar e reconhecer os interesses dos animais de outras espécies implicados (relacionados com o seu hábitat, território, alimentação, segurança e com a ausência de dor, sofrimento e ansiedade).*

2.2. *Representar os outros animais como indivíduos que sentem (com quem compartilhamos o planeta) e não mediante perspectivas centradas nos seres humanos. É preciso evitar estereotipar as espécies: não defini-las pelo uso que fazemos delas (alimento, animais de estimação, presas, peles, jogos) nem com metonímias (animais de fazenda, vacas leiteiras, galinhas poedeiras, etc.) mas pelo que são (indivíduos, seres explorados pela sua carne, pele ou fluidos, companheiros, etc.).*

2.3. *Dedicar espaço e tempo a explorar as interações complexas entre os seres humanos e os demais seres sencientes do planeta, questionando os preconceitos culturais que provocam as preferências injustificadas por algumas espécies em detrimento de outras (é um preconceito preferir os golfinhos aos peixes, os cavalos às vacas, os cães aos lobos, os rouxinóis às galinhas, os vertebrados aos invertebrados, etc.).*

- 2.4.** *Reproduzir (se possível audiovisualmente) as formas pelas quais se comunicam os animais, estejam em liberdade ou em cativeiro, para familiarizar-nos com as formas com que estes se expressam e educar o público sobre as suas vidas.*
- 2.5.** *Interpretar a comunicação das outras espécies quando seja evidente (mostras de alegria, curiosidade, tristeza, ira, afecto, ansiedade, tédio, vontade de brincar, etc.). Em alguns casos pode ser necessário consultar profissionais para interpretar as nuances de um ponto de vista não antropocêntrico.*
- 2.6.** *Assegurar-se de que as fontes citadas incluam sempre e de maneira equilibrada vozes que introduzam a perspectiva e os interesses dos outros animais. Pode tratar-se de profissionais da biologia, etologia, veterinária, membros da advocacia que defendem os animais, pessoas que cuidam de animais e que vivem com eles, pessoas veganas (pessoas que por razões éticas não consomem produtos de origem animal), etc. Em todos os casos é importante certificar-se de que essas vozes são independentes e que não trabalham directa ou indirectamente para indústrias relacionadas com a exploração dos animais.*
- 2.7.** *Evitar definir os outros animais apelando a estipulações arbitrárias que favoreçam a sua representação negativa como espécies "invasoras", "agressivas", "incómodas", "sujas", etc.*
- 2.8.** *A não ser que a informação se refira a animais em cativeiro, oferecer sempre imagens dos animais no seu meio e em estado livre, nos seus habitats naturais.*
- 2.9** *Evitar cair na idealização da vida em estado selvagem e na celebração dos processos naturais quando impliquem a morte e o sofrimento dos animais.*
-

3. Dar cobertura jornalística às organizações defensoras dos animais não humanos:

Para garantir a inclusividade e a justiça recomendamos:

3.1. *Equilibrar as fontes governamentais e da indústria com fontes activistas em todos aqueles temas que afetem os outros animais.* As questões que envolvam a animais não humanos não devem ser abordadas como meros temas económicos, reguladores ou de contaminação pública, mas também a partir da perspectiva dos grupos que trabalham em sua defesa.

3.2. *Evitar que a única informação que se proporcione sobre as organizações de defesa dos animais não humanos seja quando estas levem a cabo atos de protesto ou libertações de animais em fazendas.* Deve-se apresentar o contexto completo e a história dessas organizações dando cobertura também àquelas campanhas que não sejam tão espetaculares. O objetivo é dar cobertura à essência do que fazem, não só ao espetáculo.

3.3. *Estar em disposição de difundir imagens não autorizadas, cuja veracidade tenha sido confirmada, que mostrem a realidade da nossa relação com os restantes animais e, se for necessário, estar também disponíveis para obter essas imagens.* Isso permite criar um debate na sociedade. Os cidadãos e as cidadãs têm direito a conhecer essa realidade.

3.4. *Evitar confundir as organizações ecologistas (centradas na preservação dos ecossistemas e das espécies) com as organizações de defesa dos animais não humanos (que se centram nos interesses dos indivíduos dentro dos ecossistemas e das espécies).*

3.5. *Evitar confundir as organizações de bem-estar animal (que não pedem a abolição da exploração dos animais não humanos, mas o incremento do seu bem-estar num contexto de exploração) com as organizações abolicionistas (que lutam pelos direitos dos animais e pedem a erradicação da sua exploração).*



4. Utilizar uma linguagem apropriada (neutra e objetiva)

Do mesmo modo que com a linguagem podemos denegrir, desvalorizar e menosprezar certos seres humanos por motivos de raça, sexo, orientação sexual, etc., a linguagem especista também é uma maneira de aumentar o preconceito antropocêntrico, reforçá-lo e perpetuá-lo. Isso ocorre quando se promove uma falsa dicotomia hierarquizante entre seres humanos e não humanos, e se situa o ser humano numa dimensão separada e superior à do reino animal para justificar a utilização deste último. Para evitar essa linguagem recomendamos:

4.1. *Procurar a máxima precisão na terminologia.* Clarificar o termo “animal” e usar expressões como “animais não humanos”, “os outros animais”, “as outras espécies” ou similares. O objetivo é fomentar a inclusividade reconhecendo que os seres humanos também são parte do reino animal. Devemos procurar a precisão também no tipo de categoria animal à que nos referimos, por exemplo: animais explorados nas fazendas, animais em liberdade, primatas não humanos, animais aquáticos, espécies em perigo de extinção.

4.2. *Evitar coisificar os animais quando nos referimos a eles.* Evitar usar expressões que depreciem o carácter de indivíduos com consciência e a capacidade de sentir dos outros animais: evitar falar de “capturas”, “unidades”, “cabeças de gado”, “material genético”, “espécimes”, etc.

4.3. *Evitar eufemismos e metáforas (bélicas, de caça, etc.) e procurar a objetividade.* Do mesmo modo que não dizemos que uma pessoa “é deficiente”, senão que “tem uma deficiência” ou “diversidade funcional”; do mesmo modo que dizemos que uma pessoa “está escravizada” em vez de dizer que “é um escravo”, devemos evitar usar os eufemismos usados pela indústria. Por exemplo, devemos dizer que os outros animais vivem explorados, que são utilizados, etc., ou quando um animal escapa de onde está confinado e os seres humanos o matam, o animal não deve ser criminalizado, dizendo que foi “abatido” ou “sacrificado” (o animal que escapou não cometeu nenhum crime nem deu o seu consentimento para morrer; na realidade, foi “morto a tiros” ou “executado”).

4.4. *Evitar a falsa neutralidade.* Os seres humanos utilizamos de diferentes maneiras, e de forma cruel, milhares de animais que exploramos em nosso benefício, deixamos sem hábitat, utilizamos como entretenimento ou experimentamos com eles pela nossa saúde ou, na maior parte das vezes, por questões muito mais triviais (produtos de limpeza, cosméticos, brinquedos, etc.). A dor e o sofrimento que lhes infligimos é enorme. Trata-se de uma situação na qual uma espécie utiliza indivíduos de outras espécies para seu interesse próprio. Há um claro desequilíbrio de poder entre os seres humanos, que ocupam uma posição de força, e as outras espécies, que não se conseguem defender. Os e as jornalistas devem ponderar se uma atitude neutra é ética nessa situação.



UPF Centre for Animal Ethics
Universitat Pompeu Fabra
Departament de Comunicació
Roc Boronat, 138
08018 Barcelona
cae@upf.edu
<https://www.upf.edu/cae>

Julho 2016
UPF Centre for Animal Ethics

